

---

## Matrizes da Linguagem Aplicadas à Grande Reportagem Multimídia<sup>1</sup>

Marina Aparecida Sad Albuquerque de CARVALHO<sup>2</sup>  
Francisco José Paoliello PIMENTA<sup>3</sup>  
Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

### RESUMO

O artigo analisa a utilização de múltiplos códigos para representar diferentes temáticas na Grande Reportagem Multimídia (GRM). Para isso, foram escolhidas, ao acaso, quatro exemplares de GRMs do jornal Folha de S. Paulo e quatro de O Tempo. Com base na classificação dos signos proposta por Peirce e das matrizes da linguagem e do pensamento de Lucia Santaella, analisamos, então, características das linguagens sonoras, visuais e verbais utilizadas na produção nessas reportagens. Como resultado, concluímos que os diversos códigos cumprem diferentes papéis nos processos interpretativos dos leitores.

**PALAVRAS-CHAVE:** Grande Reportagem Multimídia; Semiótica; Linguagens.

### INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a evolução digital e, conseqüentemente, de produtos noticiosos, acabou resultando no que Longhi (2014) denomina como Grande Reportagem Multimídia (GRM)<sup>4</sup>, herdeira da grande reportagem do impresso. A GRM foi possível com o desenvolvimento, a partir de 2012, do HTML5<sup>5</sup>, que inaugurou a utilização do *scrolling*, ou seja, com os conteúdos e interações acessados na rolagem da

---

1 Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

2 Doutoranda do PPGCom/UFJF; mestre pela mesma instituição, e-mail: marina\_sad@hotmail.com.

3 Professor Permanente do PPGCom/UFJF e Titular da Facom/UFJF, doutor em Comunicação e Semiótica, paoliello@acessa.com.

4 Temos preferência pelo termo multicódigos por considerarmos que é mais rico, pois leva em consideração que a comunicação se realiza de forma sinestésica, a partir da hibridização dos códigos. Sendo assim, os signos podem representar seus objetos com múltiplos padrões de semelhança, seja de forma tátil, visual, sonora e verbal, o que pode levar as mentes interpretadoras a terem mais consciência de seus processos e hábitos inferenciais (PIMENTA, 2016, p. 52). Utilizamos a definição de Longhi (2014), no entanto, por ser a que melhor reflete o tipo de reportagem estudada: produções interativas e imersivas com textos longos, herdeiras da grande reportagem do impresso.

5 “O HTML é a linguagem de estruturação e apresentação de conteúdo para *World Wide Web*” (WINQUES; TORRES, 2015, p. 52). O HTML5 é a quinta versão da linguagem.

---

página. O *design* é responsivo<sup>6</sup>, utiliza todo o espaço da tela, inclusive o branco, e o texto geralmente é centralizado. Além disso, há um retorno aos textos longos, o *longform journalism*, uma narrativa textual mais consistente em conjunto com possibilidades de navegação e leitura imersivas, como em uma revista.

Carvalho (2018, p. 100) constata que os jornalistas e *designers* dos jornais Folha de S.Paulo e O Tempo, responsáveis pela produção desses tipos de reportagens, não sabem definir ou explicar, com clareza, o porquê da utilização de cada tipo de código<sup>7</sup> para representar as diferentes temáticas da GRM. Assim, este artigo pretende refletir sobre a questão a partir da Gramática Especulativa, ou Analítica, de Charles S. Peirce, e da Teoria das Matrizes da Linguagem e do Pensamento (SANTAELLA, 2005). Para tanto, foram escolhidas, ao acaso, quatro exemplares de GRMs de cada um desses jornais: A Batalha de Belo Monte, Crime sem Castigo, Crise da Água e O Golpe e a Ditadura Militar (Folha de S.Paulo); Menino de Abrigo, Morte Invisível, Era uma Vez um Pequeno Guerreiro e Um Adeus ao Rio Doce (O Tempo)<sup>8</sup>.

## AS MATRIZES DA LINGUAGEM E DO PENSAMENTO NA GRM

Para refletir sobre a utilização dos diversos códigos na GRM, utilizaremos a proposta das Matrizes da Linguagem e do Pensamento de Santaella (2005), já que, segundo a autora, os meios são apenas suportes que ganham sentido a partir das linguagens que se desenvolvem dentro deles. As matrizes e suas submodalidades permitem analisar os processos lógico-semióticos das linguagens quando concretizadas e os seus cruzamentos<sup>9</sup>, o que fornece uma visão intersemiótica. Diante disso, poderemos exemplificar as matrizes e suas submodalidades, assim como seus hibridismos, a partir de GRMs produzidas pelos jornais Folha de S. Paulo e O Tempo, além de propor maneiras mais eficazes para a utilização das linguagens.

---

6 O design responsivo é aquele que se adapta a qualquer dispositivo. Assim, há a possibilidade de produção de um único *layout* de notícia para diferentes dispositivos (WINQUES; TORRES, 2015, p. 53).

7 Utilizamos o termo códigos como sinônimo de linguagens na forma definida por Santaella (2005).

8 Disponíveis em: <<https://bit.ly/1c4Y4hV>>; <<https://bit.ly/1MyL8hr>>; <<https://bit.ly/1r0OzXE>>; <<https://bit.ly/1nQd21n>>; <<https://bit.ly/2x7K3yX>>; <<https://bit.ly/2bf3NW5>>; <<https://bit.ly/2IuWew6>>; <<https://bit.ly/2qdATz0>>. Acesso em 31 dez. 2016.

9 Para ter acesso à análise dos cruzamentos entre as linguagens nas GRMs, ver Carvalho (2018, p. 150-156).

---

## A MATRIZ SONORA

Associada à categoria peirceana da Primeiridade, a mais primordial, a lógica da matriz sonora sustenta as demais e está sob o predomínio do qualissigno icônico remático. O ícone tem como características possibilidade, acaso, indeterminação, espontaneidade. A relação entre signo e seu objeto, no ícone, se dá por mera qualidade e, segundo Santaella (2005, p. 105), a música pode se apresentar como pura qualidade imediata, permitindo a comparação com qualquer coisa que lhe pareça semelhante. O qualissigno icônico remático deve ser tomado como ponto de referência, pois está no nível da possibilidade e, após sua ocorrência, torna-se um sinssigno ou existente.

Na Primeiridade da Matriz Sonora, Santaella (2005, p. 120) posiciona o som caracterizado por possibilidades qualitativas puras, em que o acaso é tido como real. Para Peirce (1931-1958, p. 138), a variedade e a novidade só existem como consequência do acaso, presente na indeterminação e das possibilidades em aberto, e estão no som livre, sem controle, como no barulho da chuva caindo em A Batalha de Belo Monte, e no barulho de um rio agitado pela enchente em A crise da Água.

Também pode se manifestar nos sons de ocorrências radicalmente casuais, como objetos quebrando, carros andando, gritos de pessoas em perigo e acidentes de automóveis. Nas GRMs, está nos ruídos de fundo das reportagens, que captam sons casuais do dia a dia, de uma turbina trabalhando, do motor do barco e da fabricação de tijolo em A Batalha de Belo Monte. Nessa matéria e em Crise da Água também se faz presente nas hélices da animação Folhacóptero e, ainda, do trânsito em Morte Invisível.

Na Secundidade, tem-se a “singularidade do som em si, a materialidade do fenômeno sonoro, materialidade concreta do som (...), som encarnado” (SANTAELLA, 2005, p. 133), ou seja, a própria escuta. A gravação permite a reprodução, tornando o som algo concreto e repetível, comparável a uma pintura, por isso, há aí mais um elemento de secundidade. A fixação do som transforma a sua principal característica, a evanescência, mas permite sua estabilidade para a manipulação das organizações da música. Esta também passa a ser propagada por autofalantes e seu espaço de execução pode causar efeitos de profundidade, ubiquidade e mobilidade, revelando sua dimensão espacial. Nas GRMs, as músicas de fundo presentes nos vídeos e mesmo os sons da natureza ou do cotidiano das reportagens foram gravados e precisaram ser manipulados. Nota-se, assim, uma forte presença da Secundidade sonora das GRMs.

---

A Terceiridade diz respeito aos sistemas convencionais da música: ritmo, melodia e harmonia<sup>10</sup>. O ritmo é o mais primordial, imediaticidade sensível, correspondente aos ritmos vitais, numa indefinição de sentidos própria da Primeiridade.

Em suma, sentimos o ritmo (batidas do coração: sístole/diástole), vivemos o ritmo (respiração: inspiração/expiração) e vivemos no ritmo (ciclos da natureza: dia/noite, estações do ano)” (SANTAELLA, 2005, p. 168 - 169).

As reportagens pesquisadas são constituídas de fatos e personagens inseridos nos ritmos de suas naturezas, a partir de fotos e vídeos que nos mostram os ciclos da natureza, como dia e noite, ou na própria respiração dos entrevistados.

A melodia é caracterizada como sucessividade temporal de notas, sons, massas sonoras ou ruídos, em que sobressai a unicidade de cada fenômeno em particular, como no caso das músicas de fundo nas animações e vídeos das GRMs. Já a harmonia depende de leis, sendo, portanto, da Terceiridade. Caracteriza-se pelas leis da física que permitem a escuta de sons e músicas, incluindo as executadas nas GRMs.

## A MATRIZ VISUAL

A Matriz Visual, como Secundidade, engloba a Primeiridade, portanto, sua indeterminação, e mantém-se no eixo da forma. O visual é a esfera do sinsigno pois o campo da visão possui bordas: para a visão, as coisas estão aqui e agora; são Secundidade pelo seu caráter de singularidade e unicidade. O índice pressupõe uma conexão física entre signo e objeto, chama a atenção da mente interpretadora para o objeto. Em um índice genuíno, como na fotografia, existe relação existencial, com maior aproximação à Secundidade. Já o índice degenerado implica apenas uma referência, como nas imagens figurativas (desenho e pintura), possibilitando uma aproximação dos ícones. O caráter dicente aparece porque a matriz visual propõe ou veicula informação sobre um existente, sendo referencial; portanto, faz ligação com algo que está fora dela e seu interpretante tem relação existencial com o objeto.

Nessa matriz pura estão apenas as formas fixas bi ou tridimensionais, as quais pressupõem um dispositivo para seu registro em um suporte fixo, com organização espacial. A matriz apresenta, também, duas faces: a forma, o signo visual em si mesmo, e a representação, o que a forma é capaz de representar.

---

10 Defendemos que são convencionais, mas não apenas no sentido da convenção humana, pois o canto do sabiá e os sons produzidos pelas baleias também possuem ritmo, melodia e harmonia.

Na Primeiridade estão as formas não-representativas que deixam de fazer referência ao exterior, não indicam nem representam nada, necessariamente, como nas obras em que a projeção do objeto é inacurada e não há como saber o que se quis representar, ou quando não há a intenção de se representar nada reconhecível, como a arte abstrata. São formas ambíguas com um alto poder de sugestão que possibilitam a imaginação na busca por similaridades, porque há um predomínio do ícone. A primeiridade pode ser percebida, também, nas qualidades presentes em objetos singulares, índices degenerados, que se referem ao gesto de onde vieram.

Nas GRMs estudadas, está presente apenas por meio da indicação dos meios, instrumentos e suportes da produção de figuras. Percebemos que as imagens fotográficas foram feitas a partir de câmeras e que ilustrações puras ou infográficos vêm de *softwares*. Notamos, ainda, que a imagem de abertura de Era uma Vez um Pequeno Guerreiro é um desenho produzido com lápis de cor (Figura 3).

Figura 3: Imagem é um desenho infantil a partir de lápis de cor.



Fonte: <https://goo.gl/7abrHN>. Acesso em 18 mar. 2018.

Na Secundidade estão, predominantemente, as formas figurativas referenciais que apontam para algo reconhecível fora delas. Em um primeiro momento, é preciso saber de que maneira uma figura indica e com que tipo de qualidade. Existem “figuras que registram a qualidade do movimento e da energia que foi imprimida ao traço no instante de sua feitura” (SANTAELLA, 2005, p. 226), indicando o gesto que as criou. Segundo a autora, sua qualidade é influenciada pelo “tipo de personalidade, o humor ou a experiência naquele momento particular de quem traça as linhas ou manuseia o pincel. A firmeza ou fraqueza do gesto, a confiança ou timidez ficam expressas no movimento” (SANTAELLA, 2005, p. 226), todos eles ligados às leis físicas.

Essas ideias podem ser aplicadas às fotos de um determinado fotógrafo. No caso das GRMs, cujas fotos são feitas por fotojornalistas, podemos imaginar que foram influenciadas por uma pauta, por trocas de informações com repórteres e *designers* e pelos sentimentos pessoais do fotógrafo enquanto realizava a cobertura. Percebemos,

ainda, que a imagem de abertura de *Era uma Vez um Pequeno Guerreiro* é um desenho produzido por uma criança (Figura 3).

Ainda em um primeiro momento, podemos apontar a influência de ideias ou conceitos visualmente representáveis. Por exemplo, na imagem de abertura de *Era uma Vez um Pequeno Guerreiro* (Figura 3), aparece o estereótipo de uma criança em um desenho infantil. Conceitos visualmente representáveis podem influenciar, também, na maneira como os fotógrafos e *designers* optam por representar certas realidades.

Em um segundo estágio, podemos analisar as formas figurativas a partir do predomínio dos índices, quando a imagem é determinada pelo objeto e o intérprete simplesmente capta essa relação existencial, como na fotografia. Primeiramente, a análise recai sobre índices degenerados, nos quais o objeto não afeta o signo diretamente, mas a partir da mediação do artista. É o que ocorre em uma placa de trânsito com traçado de curva correspondendo à curva na estrada, no lugar existencial da curva. Em *Crise da Água*, há um infográfico que simula o funcionamento das usinas a fio d'água (Figura 4), embora falte a conexão espacial. Além disso, é uma linguagem híbrida, pois envolve o verbal e o movimento.

**Figura 4:** Funcionamento de uma usina a fio d'água



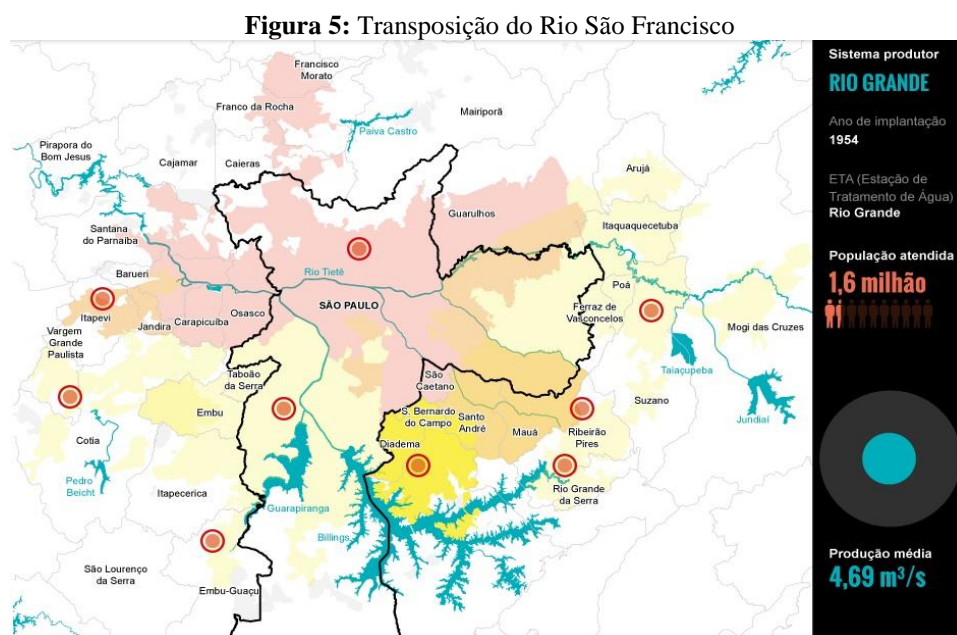
Segunda tela da infografia animada que explica o funcionamento de uma usina a fio d'água.

Fonte: <https://goo.gl/ZXHQDn>. Acesso em 18 mar. 2018

A iconicidade, ou seja, a semelhança entre signo e objeto, ocorre nos índices genuínos, pois esses dois correlatos são fisicamente forçados a se corresponder. Nesse caso, a impressão pode se dar por contato direto (traços de um ser vivo na terra) ou à distância, como na fotografia. O referente fotográfico é algo necessariamente real colocado à frente da câmera fotográfica, fazendo da imagem algo inegavelmente indicial, ainda que o receptor não saiba o que indica. Na GRM há muitas ocorrências: *A Batalha de Belo Monte* possui 78 fotos, *Crime sem Castigo*, 51; *Crise da Água*, 56; *O Golpe e a Ditadura Militar*, 439; *Menino de Abrigo*, 41; *Morte Invisível*, três; *Era uma Vez um Pequeno Guerreiro*, quatro; e *Um Adeus ao Rio Doce*, 56. Em todas, a fotografia serve como prova ou ilustração dos assuntos tratados nas reportagens.



Em um terceiro momento, a análise recai sobre figuras determinadas pelo objeto que indica, mas produzidas por convenções e normas de representação figurativa. Além disso, os processos e as relações intrínsecas do objeto são representados, e, por isso, não são apenas imitações da aparência. Nos mapas, a presença do convencional está nos signos verbais e nas cores de escolha arbitrária, assim como nos traçados em que a direção para cima é tomada como o norte. As GRMs da Folha utilizam vários mapas. Em A Batalha de Belo Monte, um mapa explica a geologia da Volta Grande; em O Golpe e a Ditadura, um mapa do Brasil apresenta os partidos dos governadores eleitos diretamente em 1982; e, em Crime sem Castigo, um mapa mostra os postos de Alfândega no Brasil. Em Crise da Água há oito mapas: em um deles, por exemplo, o usuário é transportado para um mapa da região do Nordeste, o qual explica a transposição do Rio São Francisco (Figura 5).



Mapa explica como será feita transposição e as localidades atendidas pelo sistema.

Fonte: <https://goo.gl/ZXHQDn>. Acesso em 22 mar.2018



Em um terceiro e último estágio das formas figurativas estão sistemas de convenção gráfica utilizados para reproduzir o visível. Por convenção, Santaella (2005, p. 241) entende sistemas de codificação humanos apreendidos durante a história, sempre em mutação, como é o caso do estilo, no qual a marca do artista aparece.

A mesma ideia também pode estar presente nas fotografias. Segundo o Manual de Redação da Folha (Folha de S.Paulo, 2007, p. 32), o fotojornalismo tem uma história separada da imprensa escrita, comprovando a relevância do estilo. O manual recomenda

que, dentro desse estilo, o repórter fotográfico crie imagens que acrescentarão valor à reportagem final e defendemos que o próprio estilo pessoal do fotógrafo pode valorizar tais criações.

Por fim, a Terceiridade da Matriz Visual, baseia-se no símbolo, signo que representa sem precisar ser similar ao objeto (ícone) ou ter alguma relação existencial (índice). Sua capacidade de representar decorre de uma associação de ideias entre o símbolo e determinado objeto (PEIRCE, 1931-1958, p 368) e seus elementos são reconhecidos por códigos de convenção sociais.

Convenções podem, contudo, incluir semelhanças. Em O Golpe e a Ditadura, símbolos de bustos que, convencionalmente, sabemos representar pessoas, remetem a mortos e desaparecidos durante a ditadura sobre os quais o governo admitiu responsabilidade. Nas reportagens das Folha, e em algumas de O Tempo, há setas convencionais para navegação ou interação, símbolos de dedo indicador significando o local no qual usuários devem clicar, e setas girando para fotos 360 graus (Figuras 6 e 7).

<p>Figura 6: Dedo indicador</p>  <p>Símbolo de dedo indicador informa que o usuário deve clicar para interagir com alguma linguagem. Fonte: <a href="https://goo.gl/J5GFzN">https://goo.gl/J5GFzN</a>. Acesso em 21 mar. 2018.</p>	<p>Figura 7: setas girando</p>  <p>Símbolos de setas girando indicam a disponibilidade de fotos 360 graus.. Fonte: <a href="https://goo.gl/J5GFzN">https://goo.gl/J5GFzN</a>. Acesso em 21 mar. 2018</p>
---	---

Mas as formas também podem representam sem similaridade com o objeto, como descreve Santaella (2005, p. 252):

“(...) tem seu protótipo na escrita alfabética, prolongando-se nos sistemas culturalmente convencionais de notação musical, nos símbolos químicos, lógicos e matemáticos. Todos estes apresentam analogias com os sistemas convencionais de escrita, pois são precisamente codificados e neles cada elemento cumpre sua função significativa pela posição que ocupa em relação ao sistema inteiro”.

Aprofundaremos esse aspecto no próximo tópico, referente à matriz verbal.



---

## A MATRIZ VERBAL

Nesta matriz, sobressai o legissigno simbólico argumentativo. O legissigno é um signo que é uma lei, pois os fatos se dão numa regularidade previsível (PEIRCE, 1931-1958, p. 383). A lei só tem existência concreta por meio dos casos que governa, mas esses casos nunca preenchem toda a força viva da lei. É o que ocorre na linguagem verbal, por exemplo: as palavras do verbal, como legissignos, só ganham concretude em suas manifestações.

O símbolo se relaciona com seu objeto por um caráter imputado, arbitrário, e não motivado, e só é símbolo por meio do interpretante, ou seja, se liga ao objeto pela ideia que gera em uma mente. Isso significa que é social e depende do seu uso dentro da comunidade. Em relação ao Argumento, ele pode ser abduutivo, indutivo e dedutivo, de acordo com Primeiridade, Secundidade e Terceiridade, assim como ocorre com os discursos, segundo Santaella (2005, p. 271). Descrição, narração e dissertação seriam, assim, as modalidades da linguagem verbal escrita, correspondentes, respectivamente, ao ícone, o índice e ao símbolo.

Na Primeiridade do discurso, temos a Descrição, uma forma de se aproximar daquilo que se dá, como se dá; penetrando na essência das coisas. A descrição pode ser do existente mas, também, da percepção, por meio dos sentidos e da imaginação, e permite o desmembramento do objeto em partes, retomando a apreensão sensorial. A expressão linguística designa o objeto, seu referente, tentando ser fiel a ele, escondendo a linguagem e exibindo o referente. Como exemplo, Santaella (2005, p. 310) cita a literatura realista, estilo também presente em A Batalha de Belo Monte:

(...) Gelson Juruna pega o bote de alumínio, o tubo para respirar e as ‘vaquetas’ (hastes de madeira para desentocar peixes das pedras) e sai pelo braço do rio Xingu que banha a aldeia Muratu da Terra Indígena Paquicamba, no miolo da Volta Grande. Com sorte, voltará com até 40 bois-de-bota (*Panaque nigrolineatus*), um dos mais cobiçados peixes ornamentais.

Em alguns momentos, a descrição envolve, também, a conceituação: “São os conceitos das qualidades, das funções, finalidades e implicações da classe de um objeto que são trazidos à baila” (SANTAELLA, 2005, p. 308-309). No trecho acima, este tipo de descrição aparece quando são conceituados o acari-bodó e vaquetas.

Mas é na Secundidade da matriz verbal, na Narração, que podemos situar a maior parte do discurso das GRMs. Santaella (2005, p. 322) diz que as modalidades da

narração pretendem verificar as forças que comandam a sequencialidade da narrativa. É Secundidade porque significa registro linguístico de eventos ou ações. A ação existe no conflito, na ação e reação, de onde surge o acontecimento; o personagem, por exemplo, só existe porque desempenha uma ação. Como Primeiridade, pode haver descrição sem narração, contudo, como Secundidade, a narração não pode existir sem a descrição. Aquela começa nos verbos de ação que darão início ao conflito.

Em um primeiro momento, a narrativa está relacionada ao espaço, possui organizações paralelísticas — simetrias, gradações, antíteses — as quais permitem inúmeras visões simultâneas do acontecimento. São narradas as várias dimensões da ação, uma história possível e não definitiva. Pode haver semelhança entre o espaço interno (diagramas relacionais) da narração com o espaço daquilo que é narrado, como nas narrativas em hipertexto e, portanto, em todas as GRMs. “O caráter reticular, alinear e multidimensional da estrutura do hipertexto dá à narrativa uma constituição espacializada que facilita a iconização das seqüências narrativas em relação à história contada” (SANTAELLA, 2005, p. 235).

Em um segundo momento, a narração é consecutiva e pressupõe uma ordem cronológica, como nas notícias, e eventos podem ser contados na temporalidade. “A notícia é, assim, o gênero de discurso que melhor representa o acomodamento da narrativa verbal a um nível otimizado de pura sucessividade” (SANTAELLA, 2005, p. 331). Para Lage (2005, p. 139), a reportagem seria uma notícia mais aprofundada. As reportagens citadas, nascidas a partir das notícias, fazem uso da sucessividade para narrar. É assim em *Um Adeus ao Rio Doce*, que narra cronologicamente o percurso da lama: “A morte do rio Doce começa em 5 de novembro, quando a barragem de Fundão se rompe”. Em seguida, a reportagem narra o percurso da morte do rio com a chegada da lama, aos poucos, nos municípios de Barra Longa, Santa Cruz do Escalvado, Naque, Periquito/Pedra Corrida (distrito), Governador Valadares, Galileia, Resplendor, Aimorés, Baixo Gandu (ES), Colatina/Itapina (distrito).

Em um terceiro momento, a narração pressupõe que uma ação desencadeia outra, mas as ações subsequentes têm uma implicação lógica, abstrata, tendendo para a Terceiridade. Essa causalidade pode ser imediata, pois uma ação determina outra que lhe dá continuidade, ou mediatizada, com espaço entre causa e consequência. Um exemplo da causalidade imediata está presente em *O Golpe e a Ditadura*:

---

“O governo João Goulart começou a desmoronar na madrugada do dia 31 de março de 1964, quando um general sexagenário que comandava uma divisão de infantaria em Juiz de Fora (MG) acordou irritado com um discurso feito pelo presidente na véspera. Antes mesmo de trocar o pijama pela farda, o general Olympio Mourão Filho telefonou a companheiros em outros Estados para avisar que enviara seus soldados na direção do Rio de Janeiro, com a missão de tirar o presidente do poder”.

A causalidade mediatizada pode ser exemplificada no segundo e terceiro capítulos de Menino de Abrigo, que contam a história de Paulo Mateus e Lucas Moreira, nos quais o desfecho da saída compulsória do abrigo somente aparece ao final.

Na Terceiridade do discurso está a dissertação, conceituação, leis gerais e formulações abstratas em que prevalece o intelecto: as operações são traduzidas em leis, tipos gerais, conceitos, ocorrências repetitivas e, portanto, hábitos. Para Santaella (2005, p. 345), a dissertação se restringe à escrita, pois as orais seriam meras memorizações.

Algumas GRMs da Folha trazem textos apresentados como dissertativos, mas elementos desse gênero aparecem também durante a reportagem. Nas matérias, estão presentes um tipo de dissertação baseado, primeiramente, na indução, em que os dados teóricos, baseados em suposições, funcionam na prática, fazendo com que a experiência contribua para a comprovação dessa teoria. Em O Golpe e a Ditadura, por exemplo, são feitas diversas conjecturas sobre o que teria sido diferente se o golpe não tivesse acontecido, se Jango tivesse resistido, entre outros questionamentos. A partir de uma observação profunda dos fatos históricos, são propostas ideias para o que ocorreria.

O uso de exemplos da experiência para fortalecer as ideias defendidas também é enquadrado em um tipo de dissertação baseada na indução, no qual discursos muito abstratos se tornam mais concretos por meio de exemplos. Contudo, é necessário cuidado, pois podem resultar em uma generalização apressada, nem sempre correspondendo com o todo. Está presente em Crime sem Castigo, por exemplo, para fortalecer a tese de que os produtos contrabandeados podem fazer mal à saúde:

Jackson Vieira de Souza, 21, morreu em 2004 após injetar doses de anabolizante nos braços para inflar os músculos. Os rins do brasileiro pararam após usar o produto vindo, ilegalmente e sem se submeter a nenhum controle de qualidade oficial, da Argentina.

(...) São efeitos do contrabando no dia a dia do consumidor que, sem saber de seus potenciais riscos, alimenta esse mercado ilegal.

Outro tipo é a argumentação embasada em dados, geralmente estatísticos. Há forte presença desses signos nas reportagens estudadas, tanto na matriz verbal pura

---

quanto na híbrida, por meio dos infográficos. Em Era uma Vez um Pequeno Guerreiro, os dados reforçam a importância do cadastro de doador de medula óssea:

Há pouco mais de dez anos, a chance de um paciente com leucemia ou com outro tipo de doença com indicação de transplante de medula óssea encontrar um doador compatível no Brasil era de 15%. Em 2005, o Registro Nacional dos Doadores de Medula Óssea (Redome) tinha apenas 134 mil pessoas cadastradas. Hoje são mais de 4 milhões, o que elevou a chance de encontrar um doador para 64%, conforme o Instituto Nacional do Câncer (Inca).

Já o nível mais elevado de dissertação, baseado na dedução, “é o caso típico do raciocínio matemático que parte de uma hipótese cuja verdade ou falsidade nada tem a ver com o raciocínio, e cujas conclusões são igualmente ideais” (SANTAELLA, 2005, p. 357). Esse tipo de argumentação quer provar como algo deve ser, constituindo, assim, um método de predizer. O discurso argumentativo parte de hipóteses (premissas) e vai até a comprovação das premissas na conclusão, não deixando margens para outras interpretações a não ser aquela que está explícita no texto.

Em um primeiro momento, a dissertação pode ser construída a partir das opiniões do enunciador e depende do repertório para não se tornar banal. É o que acontece no capítulo “Opinião” de A Batalha de Belo Monte, no primeiro artigo, onde o engenheiro e economista Mauricio Tolmasquim apresenta premissas positivas para a construção da usina e o indigenista André Villas-Bôas apresenta premissas contrárias.

Pode-se, também, confrontar “idéias, conceitos e generalizações simbólicas para identificar seus pontos em comum e suas oposições e, a partir da observação desses aspectos, determinar a validade de suas conclusões” (SANTAELLA, 2005, p. 360-361). São exemplos os textos que apresentam prós e contras para se chegar a uma conclusão ou que discutem o estado da arte para justificar uma pesquisa. No primeiro artigo do capítulo “Artigos” de O Golpe e a Ditadura, o colunista da Folha Matias Spektor apresenta as mudanças no país durante a ditadura tanto para o bem quanto para o mal e conclui: “O Brasil da ditadura ficou mais rico, sem dúvida alguma. Contudo, ao sair do poder, os militares deixaram o país numa posição internacional mais fraca, dependente e injusta do que era possível imaginar em 1964”.

---

## CONCLUSÃO

O predomínio do qualissigno icônico remático nos leva a concluir que a matriz sonora tem potencial para fazer com que o usuário esteja imerso na história, promovendo mais imediação (BOLTER; GRUSIN, 2000). Todos os sons, obviamente, são gravados e, então, apresentam-se como um elemento de Secundidade. Contudo, essa Secundidade permite aos usuários a proximidade com a espontaneidade, o frescor, o sentimento de presença da Primeiridade.

Por meio dos exemplos, percebemos que os produtores utilizam os sons da natureza e outros do cotidiano, o que deve ser ainda mais explorado. A Terceiridade sonora pode auxiliar na imersão, pois promove a contemplação dos sons sucessivos, ajuda o usuário a se situar por meio dos ritmos das naturezas (dia ou noite, por exemplo) e o coloca mais próximo dos personagens por meio da exploração de seu estado de espírito demonstrado na respiração, por exemplo.

Em relação à Matriz Visual, a indeterminação da Primeiridade pode servir para levar à imaginação por causa de seu alto poder de sugestão, despertando a curiosidade sobre o que será trabalhado na matéria de forma a ir além da simples referência aos instrumentos que criaram as imagens, como acontece atualmente nas GRMs. Esses instrumentos não deixam de ser importantes, pois auxiliam na função de despertar a atenção. Em *Era uma Vez um Pequeno Guerreiro*, o desenho feito com o lápis de cor ajuda a aproximar os usuários de uma matéria que pode tratar sobre algum tema infantil; para descobrir, deve-se continuar percorrendo a reportagem.

Imagens de Primeiridade também podem ajudar os usuários a refletir mais sobre os temas por meio da indeterminação. O uso de figuras que causam curiosidade ou levam à reflexão pode ser melhorado, pois as imagens atuam como índices genuínos para aproximar o usuário do objeto dinâmico representado. No primeiro nível de Secundidade, observamos, ainda, que as imagens não são isentas da personalidade ou sentimentos daqueles que a produzem, o que pode influenciar nas características finais do código, embora a visão do fotógrafo ou *designer* possa ser um diferencial útil.

Presentes nas GRMs, desenhos como registros imitativos auxiliam em procedimentos que não ficam claros ou não têm como ser representados a partir de fotografias ou vídeos, mas somente a partir de infografias ou animações, como no caso do funcionamento das usinas a fio d'água. Os mapas, desde que suas convenções sejam

---

explicadas em legendas, colaboram no entendimento de temas que envolvem regiões, conforme já realizado nas GRMs. As formas convencionais dependem de ser reconhecidas por todos, como aquelas de O Golpe e a Ditadura, ou operam como símbolos de auxílio à navegação, conforme ocorre na Folha e raramente em O Tempo.

A descrição pode ser utilizada pelo repórter para apresentar não só o que se vê, pois isso a fotografia faria com mais fidelidade, mas também suas percepções e imagens mentais, de forma a repassá-las ao leitor, enriquecendo e diferenciando a matéria. Também esclarece e explica conceitos que facilitam a compreensão, principalmente quando os temas são inéditos ou não fazem parte do cotidiano da maioria das pessoas.

A narrativa em hipermídia também pode ser melhor aproveitada: para além da distribuição do conteúdo das GRMs em capítulos ou seções, talvez fosse interessante uma forma de espacialização que apresentasse os conteúdos com seus desdobramentos em camadas<sup>11</sup>, de forma a permitir que o usuário seja levado ao que considera mais importante por meio de *links*<sup>12</sup>.

Se construídas em sucessividade cronológica, as GRMs se aproximarão das notícias, com apresentação geral do fato, confronto e pós-confronto. No entanto, podem também aparecer de forma a engajar mais o público por meio de uma causalidade imediata e mediatizada, fazendo com que o usuário se prenda à leitura para conhecer as possíveis consequências de um fato, o que é potencializado no segundo caso, cuja causa e consequência não são imediatas.

O comentário dos fatos e o uso de exemplos podem ser usados de forma a ampliar as vozes das GRMs, dando espaço para que diferentes pessoas comentem e exemplifiquem os fatos de acordo com diversos pontos de vista. O uso de exemplos também pode aproximar os fatos muito abstratos das GRMs às realidades mais cotidianas, facilitando a compreensão e permitindo maior sensibilização. Já os dados sustentam a argumentação não só por meio de texto, mas também na linguagem híbrida da infografia. A dissertação argumentativa, como Terceiridade genuína, promove uma argumentação que leva o usuário a um raciocínio mais lógico. Além disso, em seu último nível, não ocorre a hibridização com a lógica de nenhuma outra matriz e, por isso, é aplicada unicamente como discurso.

---

11 O formato seria próximo ao de pirâmide deitada, proposto por Canavilhas (2007).

12 Em sua dissertação, Carvalho (2018, p. 193) aponta que grande parte dos usuários da GRM procura, primeiramente, aquilo que acha mais interessante.



---

## REFERÊNCIAS

CANAVILHAS, João. A reportagem paralaxe como marca de diferenciação da Web. In REY, Paula Requeijo; PISONERO, Carmen Gaona, **Contenidos innovadores en la Universidad Actual**, p. 119-129. Madrid: McGraw-Hill Education, 2014. Disponível em: <<https://bit.ly/2X3SavS>>. Acesso em: 11 jul. 2017.

\_\_\_\_\_. **Webjornalismo**: Da pirâmide invertida à pirâmide deitada. In Biblioteca Online de Ciências da Comunicação da Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal. Disponível em: <<https://bit.ly/2IXrwe5>>. Acesso em 22 jan. 2018.

CARVALHO, Marina Aparecida Sad Albuquerque de. **Do digital ao impresso**: os desafios da grande reportagem jornalística. 321 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora. Minas Gerais, 2018.

FOLHA DE S.PAULO. **Manual de Redação**. São Paulo: Publifolha, 2007.

LAGE, Nilson. **Teoria e técnica do texto jornalístico**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

ITO, L. de L.; VENTURA, M. de S. A Reportagem Multimídia Interativa: inovação, produção e monetização. **Brazilian Journalism Research**. V 12, n. 3, p. 140-159, 2016. Disponível em <<https://goo.gl/EgvEDD>>. Acesso em 14 set. 2017.

LAGE, Nilson. **Teoria e técnica do texto jornalístico**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

LONGHI, Raquel Ritter. O turning point da grande reportagem multimídia. **Revista Famecos**: mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 897-917, setembro/dezembro, setembro/dezembro 2014. Disponível em: <<https://bit.ly/2E4nTTP>>. Acesso em: 26 abr. 2016.

PEIRCE, Charles S. **Collected Papers (CP)**. 8 vols. Cambridge: Harvard University Press, 1931-1958.

PIMENTA, Francisco. **Ambientes multicódigos, efetividade comunicacional e pensamento mutante**. São Leopoldo, Unisinos, 2016.

SANTAELLA, Lucia. **Matrizes da Linguagem e do Pensamento**. Sonora, visual, verbal. São Paulo: Iluminuras, 2005. Edição do Kindle.